

A institucionalização do espiritismo como religião no Brasil a partir do seu conflito com a psiquiatria

The institutionalization of Spiritism as a religion in Brazil from its conflict with psychiatry

Sanyo Drummond Pires; Paula Groppo

U. Federal da Grande Dourados; Centro de Tratamento Especializado Renascer

RESUMO:

O objetivo desse artigo foi analisar o processo de institucionalização do espiritismo no Brasil e a opção por sua institucionalização e busca de legitimidade como religião. Percebeu-se que tal opção foi profundamente marcada pelo embate com a psiquiatria, também em busca de legitimação social à época, no questionamento que essa fazia às concepções e práticas espíritas relacionadas ao tratamento de problemas mentais. A institucionalização enquanto religião forneceu um espaço de reconhecimento social e institucional para o espiritismo, que possibilitou que suas práticas ocorressem protegidas legalmente dos questionamentos médico-psiquiátricos. Nesse contexto, a criação dos hospitais psiquiátricos espíritas foi a forma encontrada para possibilitar expressão da vertente científica do espiritismo, o que estabeleceu uma associação entre saber médico e saber espírita na estruturação dessa vertente no espiritismo no Brasil.

Palavras-chave: espiritismo; saúde mental; psiquiatria; religião

ABSTRACT:

The objective of this study was to analyze the institutionalization process of the spiritism in Brazil and the choice of its institutionalization and search for legitimacy as a religion. It was observed that this choice was deeply marked by the clash with psychiatry, also looking for social legitimacy at the time, in the question that this was to spiritists conceptions and practices concerning treatment of mental problems. The institutionalization as a religion provided a social and official acceptance space for spiritism, which enabled their practices occur legally protected from medical-psychiatric inquiries. In this context, the establishment of spiritists psychiatric hospitals was the way found to enable expression of the scientific aspects of spiritism, what established an association between medical knowledge and spiritist know in the structuring of this aspect in spiritism in Brazil.

Key-words: spiritism; mental health; psychiatry; religion

Introdução

Os aspectos espirituais e religiosos da cultura estão entre os elementos de maior importância na construção da experiência humana e da elaboração das crenças, valores, comportamento e padrões de adoecimento (ALMEIDA, 2004). Apesar disso, algumas das experiências associadas à vivência religiosa ainda são fortemente marcadas por uma

interpretação, principalmente por parte da psiquiatria, como associadas a estados patológicos ou disfuncionais do sujeito, como podemos ver na criação da categoria “Problemas Espirituais e Religiosos” no DSM-IV-TR pela Associação Psiquiátrica Americana (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION [APA], 2000/2002).

Segundo Almeida e Cardeña (2011) existe, desde o século XIX, uma tendência por parte de psicólogos e psiquiatras a avaliar experiências espirituais como transtornos mentais e o envolvimento religioso como um indicativo de patologia ou imaturidade psicológica. Esta abordagem era particularmente intensa no caso de experiências espirituais que guardam similaridades com transtornos psicóticos e dissociativos, como as que ocorrem dentro das tradições espíritas e afro-americanas, gerando posicionamentos preconceituosos contra os adeptos dessas religiões e ações de segregação (incluindo as internações compulsórias) dos que relatavam ter tido essas experiências. Embora possamos identificar discussões que não seguem tal perspectiva, principalmente as associadas a James (1902/1991), essa percepção de experiências espirituais e principalmente das que se afastavam de uma moralidade cristã tradicional era uma constata na psiquiatria.

Almeida, Oda e Dalgarrondo (2007) destacam o fato de que, na primeira metade do século XX, grande parte da comunidade psiquiátrica brasileira relacionava a adesão às religiões mediúnicas à causa da loucura, chegando até a considerá-las como a terceira maior causa de insanidade mental, e defendendo, inclusive, o combate da sociedade ao espiritismo kardecista por ser um fator desencadeador da loucura. Segundo Scoton (2005), os psiquiatras viam as religiões mediúnicas, como o espiritismo kardecista, como causadoras ou desencadeadoras de transtornos mentais, além de considerá-las um crime à Saúde Pública.

No entanto, essa crítica feita às religiões mediúnicas, e em especial ao espiritismo, principalmente no Brasil, precisa ser compreendida dentro de um contexto mais amplo, ou seja, o contexto da estruturação de discursos e práticas conflitantes sobre a saúde mental e sobre suas causas e tratamento.

Segundo Almeida, Lotufo e Neto (2004), além de propor uma origem espiritual para vários transtornos mentais, o movimento espírita construiu aproximadamente meia centena de hospitais psiquiátricos pelo país entre as décadas de 1930 e 1970. Almeida e Cardeña (2011) indicam que essa preocupação na construção de hospitais ocorre porque as experiências mediúnicas presentes em religiões como o espiritismo, apesar de não

configurarem uma psicopatologia, podem trazer alguma perturbação para o sujeito que as vivencia, podendo, assim, ser confundidas com algum transtorno mental conhecido.

Podemos construir então a hipótese de que, para além de uma crítica da atividade espiritual como associada à loucura, o conflito entre a psiquiatria e o espiritismo se baseia também em uma disputa entre modelos explicativos sobre os fenômenos do adoecimento e do tratamento de problemas mentais. A proposta do presente artigo é compreender os impactos que tal conflito obteve na organização do espiritismo enquanto religião no Brasil. Para isso, procuraremos analisar tanto as noções da loucura propostas pelo espiritismo, e sua diferença para os processos mediúnicos, quanto a opção por descrevê-los a partir de uma perspectiva religiosa, e não científica, como era a pretensão inicial do espiritismo (CHIBENI, 2003).

Método

Como, no presente artigo, se trata de uma pesquisa teórica, o método proposto para coleta de dados foi a Pesquisa Bibliográfica sobre o tema. Conforme Lima e Miotto (2007), a pesquisa bibliográfica precisa ser compreendida como um procedimento metodológico específico, que deve cumprir um conjunto de regras e objetivos pré-determinados, diferenciando-se de uma mera revisão bibliográfica. Esse tipo de procedimento é indicado em situações de estudos exploratórios, onde os materiais sobre um tema se encontram dispersos em inúmeras publicações.

Segundo Volpato (2000), dentre as ações a serem desenvolvidas na pesquisa bibliográfica, a primeira é a delimitação do tema a ser pesquisado. Esse tema deve se expressar em termos específicos, a serem pesquisados em um conjunto também pré-estabelecido de publicações, como artigos, teses ou outros documentos. No entanto, em nosso caso, embora tenha sido estabelecido um tema específico para a pesquisa (a opção pela institucionalização do espiritismo como religião), o processo de delimitação dos termos de pesquisa, dentro da perspectiva proposta, se mostrou um problema (foram tentados uma série de termos, sendo os primeiros os diretamente ligados ao tema - espiritismo, institucionalização, religião -, mas nem esses nem os termos seguintes forneceram retorno significativos na pesquisa). Como hipóteses para o insucesso, considerou-se que por cobrir um período onde ainda se delimitava um entendimento sobre tais fenômenos, os termos utilizados para abordar os mesmos variavam muito. Essa variação de termos foi ainda mais potencializada em função de procurarmos abordá-la a partir de diferentes perspectivas teóricas.

Com o intuito de estabelecer um conjunto de informações oriundas de fontes com posições discrepantes, visando estabelecer, por meio da confrontação dialética entre as referências pesquisadas, uma interpretação crítica das mesmas, como proposto por Lima e Miotto (2007), pôde-se perceber que os conceitos utilizados sobre o tema variavam muito, principalmente em função de haver uma condensação de um modelo de discurso das ciências médicas e biológicas, em contraposição com um modelo de discursos das ciências humanas e sociais, o que nos remetia à necessidade de utilizar conceitos variados para identificar o mesmo fenômeno. Além disso, havia uma série de conceitos que, embora fossem secundários em relação ao tema central da pesquisa, eram fundamentais no sentido da construção de uma compreensão do ambiente histórico no qual os conceitos e as ações haviam sido estruturados, que também se apresentavam de modo diferenciado, em função do modelo discursivo aos quais estavam associados.

Nesse processo, somente alguns poucos textos encontrados cumpriam os requisitos propostos por Pizzani et alii (2012), de fontes primárias (que abordavam diretamente o assunto) ou de fontes secundárias (que fazem revisões sistemáticas de literatura sobre o tema). Como fontes primárias encontraram-se somente textos clássicos do espiritismo, que não guardavam discussões sistemáticas sobre nosso tema. Como fontes secundárias, pudemos encontrar mais textos, principalmente Almeida (2007); Almeida e Moreira-Almeida (2008); Almeida et alii (2007); Almeida e Lotufo Neto (2004); Alvarado et alii (2007); Araújo (2007); Dalgalarondo (2007); Giumbelli (1997a; 2003); Jabert (2008; 2011), Jaber e Facchinetti (2011), Lima (2011) e Scoton (2005). Embora esses textos fornecessem informações valiosas, ainda persistia uma série de lacunas de informações na análise de seus conteúdos, e a manutenção do modelo de pesquisa bibliográfica inicial não preenchia a contento essas lacunas.

Como esses textos se referiam a pesquisas e reflexões sobre o tema, optamos então, com vista a preencher essas lacunas, a adaptar o método de amostragem Bola de Neve para a pesquisa bibliográfica. Esse método é usado geralmente para fins exploratórios, em populações difíceis de serem acessadas em função de não serem claramente percebidas dentro de uma população geral, seja por se ocultarem, seja simplesmente por não serem facilmente distinguíveis em relação aos outros membros da população. Nesse método, a amostra a ser selecionada se dá em função não de um conjunto de referências, mas a partir de uma rede de relações entre seus membros. Então, são selecionados alguns membros iniciais com as características desejadas, e estes, pela sua rede de relações, indicam outros membros que possuem características semelhantes às suas. O pro-

cesso de coleta de informações se baseia em ondas, onde os primeiros sujeitos (escolhidos geralmente por conveniência) são a onda zero, e que por sua vez indicam novos sujeitos (onda um). Estes então indicam novos sujeitos (onda dois) e assim sucessivamente até atingir o número de sujeitos desejados ou os sujeitos começarem a se repetir (DEWES, 2013).

Tal método pressupõe então, primeiro, a capacidade de um membro da amostra perceber e indicar corretamente outro membro e, além disso, pressupõe também a possibilidade de um viés dado pelos membros iniciais, que podem levar a amostras pouco representativas da realidade. No entanto, esse viés se configura como um problema em amostras que precisam ser uma representação probabilística da população em questão. Além disso, não é um método autônomo, cabendo sempre ao pesquisador avaliar ou não a pertinência do novo membro indicado (VINUTO, 2014).

Procuramos então, a partir da consideração dos textos como sujeitos, utilizar os textos selecionados inicialmente como fontes secundárias. Estes, que geralmente possuíam uma revisão bibliográfica ampla, foram considerados como sujeitos amostrais iniciais da onda zero do método Bola de Neve, que apresentavam outros sujeitos (outros textos de suas revisões bibliográficas), e assim por diante em outras ondas, que foram selecionados por sua pertinência ao tema, para a realização da pesquisa. Embora essa escolha metodológica possa gerar uma série de falhas e necessite ser mais bem analisada, em função das limitações que ela possa gerar, com tal processo conseguimos acessar um material que, embora dificilmente classificável e ordenável, possibilitou uma compreensão contextual dos textos anteriores, bem como de sua relação com outros elementos tanto no contexto histórico anterior, onde o tema começa a ser debatido, quanto nas suas repercussões no contexto histórico atual.

Conceito de mediunidade segundo o Kardecismo

O fenômeno da mediunidade começou a ser pesquisado por Hippolyte Leon Denizard Rivail em 1854, através do estudo de supostas manifestações dos espíritos em sessões de comunicação com os mortos, buscando codificar esse tipo de prática e os ensinamentos nelas transmitidos (ALMEIDA, 2004; ALVARADO et alii, 2007). Após realizar tal pesquisa e se convencer da veracidade de tais fenômenos, sob o pseudônimo de Allan Kardec, Rivail codificou a doutrina espírita, que, segundo o objetivo de seu codificador, deveria possuir não somente um caráter religioso, mas filosófico e científico.

Um dos elementos centrais dos estudos de Kardec, e sobre o qual se estruturava a maior parte dos conhecimentos produzidos sobre a comunicação com os mortos, era o fenômeno da mediunidade. O termo “médium” é utilizado por Kardec (1861/2007), para designar a pessoa que pode servir de intermediário entre os espíritos e os homens. Uma definição um pouco mais ampla sobre o mesmo fenômeno também é fornecida por Almeida e Lotufo Neto (2004: 131), segundo os quais a mediunidade consiste na “comunicação provinda de uma fonte que é considerada existir em outro nível ou dimensão além da realidade física conhecida e que também não proviria da mente normal do médium”.

De acordo com Kardec (1861/2007), todas as pessoas são médiuns, pois recebem inspirações e influências, mesmo que sutis, dos espíritos. Porém essa faculdade não se revela do mesmo modo em todos. Geralmente, esse termo é empregado para aqueles cuja faculdade se dá de forma bem caracterizada, evidente e intensa. Além disso, o fenômeno da mediunidade não dependeria da crença ou postura moral do indivíduo, manifestando-se a partir de uma predisposição orgânica, de uma habilidade especial para a percepção de fenômenos de determinada ordem. Tal fato explicaria as diferentes espécies de manifestações mediúnicas, entre elas fenômenos materiais como movimentação de corpos inertes ou barulhos; audientes, associados à escuta da voz dos espíritos; falantes, nos quais os espíritos atuam sobre os órgãos da fala; videntes, faculdade de ver os espíritos; curadores, dom de curar pelo toque, olhar ou gesto; escreventes (psicógrafos), comunicação do pensamento de um espírito por meio da escrita; e por fim os intuitivos, que recebem o pensamento dos espíritos e os comunicam.

Visão do espiritismo e do fenômeno da mediunidade como patologia

Segundo Almeida et alii (2007), entre os psiquiatras, observam-se quatro posicionamentos sobre os fenômenos mediúnicos. No primeiro, eram vistos como prejudiciais para a saúde mental; no segundo, como fraude ou como forma de histeria, baseada na exploração da fé das pessoas mais atrasadas culturalmente; no terceiro, como geradores de alguns benefícios, mas ainda assim associados ao atraso cultural; e no quarto, como sem relação com a saúde mental e associados a baixos níveis culturais. Os posicionamentos com percepção mais negativa e com propostas de ação medicalizantes se davam principalmente no eixo Rio-São Paulo. Tal fato se dava por dois motivos: o primeiro, decorrente da maior adesão nesses dois estados a modelos de psiquiatria francesa, mais baseada em tratamentos por medicalização; o segundo está associado à percepção local

da mídia sobre o espiritismo, menos positivas nesses locais. Posições diferentes existiam, principalmente nas faculdades de medicina da Bahia e de Recife, onde, apesar da manutenção de uma visão patologizante do transe, essa visão era mitigada pela inserção de reflexões de cunho antropológico ligadas à psiquiatria, e a uma visão mais positiva destacada pela mídia sobre espiritismo nesses locais.

Os posicionamentos mais negativos se baseavam em estudos, alguns de base estatística, mostrando a alta associação entre práticas espíritas e loucura. No entanto, tais estudos careciam de uma definição clara da prática espírita e, além disso, consideravam as manifestações mediúnicas em si como sintomas de loucura (GIUMBELLI, 1997). Nesses estudos, a associação dos fenômenos mediúnicos a conceitos de dissociação, histeria e esquizofrenia também aparece com frequência (ALMEIDA, 2004; ALVARADO et alii, 2007).

No entanto, a preocupação da psiquiatria não se restringia ao fato do espiritismo estar associado a doenças. Na perspectiva psiquiátrica da época, o espiritismo representava um duplo perigo: causar doenças mentais e ser uma forma ilegal da prática médica, ou curandeirismo (GIUMBELLI, 1997; ALMEIDA et alii, 2007). Segundo Almeida (2007), os psiquiatras acreditavam que quem procurava o espiritismo eram indivíduos frágeis e instáveis emocionalmente e que, por isso, se deixavam influenciar com facilidade. Existia uma percepção de que a ação de caridade espírita era dirigida a alguns grupos que recebiam uma atenção especial em função dessa fragilidade, como os de baixa escolaridade, pobres, negros, mulheres e, por fim, os predispostos às doenças mentais. Tal atenção estaria em consonância com o propósito de capturar essas pessoas mais frágeis para as práticas espíritas, sendo associada também a práticas hipnóticas e de sugestão, ou como estímulo a fenômenos dissociativos.

De acordo com Alvarado et alii (2007), as formas percebidas como mais impactantes de dissociação eram as alterações na consciência e memória que indicavam que mais de um fluxo de pensamento ocorreria ao mesmo tempo na mente do médium. Almeida (2004) apontou os quatro sintomas principais dos transtornos dissociativos: amnésia, despersonalização (sensação de estranhamento ou de separação entre o “Eu” e o ambiente), confusão de identidade (incerteza ou confusão sobre a própria identidade) e alteração de identidade (mudança para outra identidade, ou seja, o indivíduo age como se fosse outra pessoa). Esses fenômenos, de maneira geral, são percebidos como de ori-

gem psíquica, e não biológica, e tais descrições serviam de base para a compreensão do fenômeno mediúnico como uma psicopatologia.

Nesse mesmo contexto, era comum também a associação dos fenômenos mediúnicos com os processos psicóticos, principalmente os associados a percepções sensoriais (como visões ou escuta de espíritos), interpretados como alucinações, e os de ordem ideativa (percepção de uma influência ou de uma causa como motivada por influência espiritual), associados com delírios (ALMEIDA e CARDEÑA, 2011). Essas percepções, então, de maneira geral, não seguiam somente critérios científicos. O próprio fato da existência da mediunidade era interpretado em si como doença e a adesão ao espiritismo como carência cultural, a isto estando associada a desconsideração dos elementos positivos trazidos pelas práticas religiosas espíritas para a vida das pessoas (KOENING, 2007; SCOTON, 2005).

Para reforçar tais interpretações, frente à dificuldade de estabelecer um diagnóstico diferencial entre as experiências espirituais e os transtornos mentais, foi definida no DSM-IV uma nova categoria chamada “Problemas Religiosos ou Espirituais”. Segundo Almeida e Cardeña (2011), nessa perspectiva, ainda que as experiências religiosas não impliquem dificuldades psicológicas relevantes, ou associadas a perturbações específicas, podem levar a sofrimentos ou a dificuldades em solucionar problemas pessoais. Ainda que esses sejam relacionados ao conflito decorrente da diferente forma de perceber o mundo ou da adesão a diferentes valores, a explicação preferencial seria a do prejuízo psíquico causado pelo tipo de experiência espiritual.

No entanto, esse tipo de interpretação se estrutura dentro de um contexto que ultrapassa a psiquiatria. Segundo Furlaneto (2008), a invenção de novos termos médicos associados aos fenômenos religiosos, no sentido de deslegitimação e patologização das experiências religiosas e sua redução a fenômenos biológicos, ou bioquímicos, é uma constante. Tal percepção, segundo Pires (2013), parte de uma deslegitimação não só de um recorte de interpretação desses fenômenos por parte das religiões, mas também de um conflito que se estabelece entre a psiquiatria e a farmacologia e outras ciências, principalmente a antropologia, a sociologia, a linguística e a psicologia social, podendo então ser compreendida dentro de um conflito ideológico mais amplo.

A loucura na visão espírita kardecista

No Brasil da primeira metade do século XX, as práticas terapêuticas elaboradas por grupos espíritas de orientação kardecista foram uma das principais ações que con-

correram com a medicina acadêmica em seu o monopólio do saber no campo da cura (JABERT e FACCHINETTI, 2011). A causa da loucura, na visão espírita, tinha como ponto de partida o pressuposto da existência de uma realidade para além do corpo físico, mas que neste intervinha, radicalmente diferente das noções que orientavam os pensamentos da maior parte dos médicos e psicólogos da época sobre a relação mente-corpo. No entanto, é interessante notar que a existência de uma influência para além de aspectos fisiológicos já existia, na noção de influência social ou cultural sobre o psiquismo (DALGALARRONDO, 2007). Apesar disso, a consideração da dimensão sociocultural do psiquismo não apresenta os mesmos problemas metodológicos ou epistemológicos decorrentes da perspectiva da influência espírita e, principalmente, conta com toda uma fundamentação compartilhada por diferentes campos teóricos e concepções filosóficas da ciência, o que não ocorre com o espiritismo.

Um melhor entendimento dessa perspectiva se dá a partir da constatação de que, de acordo com a doutrina espírita, as funções mentais como a vontade, a inteligência, a consciência, os sentimentos e o pensamento seriam elementos próprios do espírito – ou corpo espiritual –, que está temporariamente habitando um corpo material. O cérebro não seria um órgão produtor do pensamento, e sim apenas o órgão transmissor deste (JABERT, 2008). Sendo assim, o corpo físico é visto como um meio pelo o qual o corpo espiritual pode se manifestar. No entanto, qualquer espécie de deficiência na parte física influenciaria a habilidade da parte espiritual de perceber e agir no mundo de forma satisfatória, mesmo que esse corpo físico se apresentasse em perfeitas condições de funcionamento. Segundo Jabert e Facchinetti (2011, p.518), “uma lesão cerebral somente prejudicaria a capacidade do espírito de expressar o seu pensamento de forma adequada, sendo que a própria capacidade do espírito de raciocinar não ficaria prejudicada”.

No entanto, a influência dos elementos físicos seria somente uma parte desse processo. O espiritismo oferece uma explicação da natureza da relação entre corpo e espírito que inclui um entendimento dos estados de saúde e doença como um desequilíbrio da harmonia entre o corpo material e o espírito encarnado, ou corpo espiritual. Esses desequilíbrios, que são a origem dos transtornos físicos ou mentais, podem se estabelecer a partir de três diferentes fontes: 1) uma deficiência do corpo físico, que impediria a expressão do espírito; 2) uma diminuição do fluido ou energia vital, que seria uma substância produzida pelo espírito para animar o corpo físico; 3) ações de espíritos desen-

carnados, que, atuando no plano imaterial, interferem, de forma indesejada, no corpo espiritual do sujeito adoecido (LIMA, 2011: 44).

Segundo Lima (2011), os transtornos mentais podem ter dois tipos de etiologia: a natural, ou física, na qual há alguma forma de lesão no cérebro, e a espiritual, por ação fluídica de espíritos pouco evoluídos que agem sobre o espírito de um sujeito encarnado. Podem-se distinguir então dois tipos de loucura. O primeiro, denominado “loucura científica”, seria relacionado aos casos em que fosse possível apontar uma lesão cerebral como causa da patologia. Já o segundo seria aquele relacionado aos casos em que não era possível encontrar lesões no cérebro que explicassem a causa da alienação mental, identificado como “loucura por obsessão”. A esses dois tipos primordiais poderia se acrescentar a ocorrência de casos mistos, nos quais a magnitude da influência espiritual é tão alta, que pode causar danos no organismo (MENEZES, 1920/2012).

Ainda segundo Lima (2011), a partir dessas concepções decorrem diagnósticos diferenciais e tratamentos especializados para cada quadro. Para aqueles decorrentes de lesões cerebrais, recomendava-se a terapêutica física/medicamentosa tradicional proposta pelos psiquiatras. Nos quadros em que a causa da loucura era a influência de um espírito obsessivo, indicava-se uma terapêutica espiritual, e nos casos que apresentavam as duas causas do transtorno, necessitava-se de uma intervenção mista.

Quando é constatado um caso de obsessão espiritual, a estratégia de tratamento mais indicada é a doutrinação moral do obsessivo, que consiste em um grupo de médiuns especializados cujas atividades têm por objetivo convencer o espírito obsessivo a abandonar a perseguição ao obsidiado, a partir do exercício de tematização do preceito cristão do perdão e da caridade. Além disso, há também os passes mediúnicos, que transfeririam energia psíquica do médium para as vítimas de obsessão, geralmente carregadas de energias negativas dos espíritos obsessivos, e as preces que, direcionadas a Deus, são escutadas pelos espíritos que são incumbidos de atendê-las. No entanto, a prece está associada principalmente a uma modificação do pensamento do obsidiado, fundamental para sua melhora (KARDEC, 1864/1994; MIRANDA, 1976; ANDRADE, 2004; JABERT, 2008; JABERT e FACCHINETTI, 2011).

Não há então uma desconsideração dos elementos biológicos e sociais da loucura pelo espiritismo, mas a agregação de uma nova etiologia para o sofrimento psíquico, que seria a obsessão (ALMEIDA, 2007). No entanto, esta categoria etiológica, ao longo dos anos, foi ganhando centralidade na concepção e na prática espírita relacionada ao sofrimento mental. A “obsessão” tornou-se uma grande categoria que organiza o sofri-

mento subjetivo e confere certa lógica aos estados e comportamentos desajustados (DALGALARRONDO, 2008).

A pretensão a um caráter científico por parte do espiritismo kardecista e o conflito com a psiquiatria

A divergência com a psiquiatria quanto às concepções sobre a loucura e o estabelecimento de um saber que, além de questionar essas concepções, questiona também os instrumentos e posições de poder por ela estruturados (ao menos em parte) vai ter grande influência na conformação do espiritismo no Brasil, principalmente em sua estruturação como religião. Como explicitado por Chibeni (2003), também aspectos filosóficos e científicos são estruturantes do espiritismo. Por que então sua estruturação como religião?

Segundo Prandi (1996), o espiritismo kardecista foi profundamente marcado pelo racionalismo e pelo positivismo do século XIX, em que a explicação dos fenômenos se baseava principalmente no método dedutivo e na construção de hipóteses explicativas lógicas para os fenômenos. Kardec, influenciado por tal perspectiva em seus trabalhos como pedagogo e como enciclopedista, procurou organizar o conhecimento já existente sobre o fenômeno da comunicação com espíritos. É interessante notar a influência dos métodos de Pestalozzi, com quem trabalhou, e a utilização, na investigação desses fenômenos, do modelo pedagógico de Pestalozzi: “partir do conhecido ao desconhecido, do concreto ao abstrato, ou do particular ao geral, da visão intuitiva à compreensão geral, por meio de uma associação natural com outros elementos e, finalmente, reunir no todo orgânico de cada consciência humana os pontos de vista alcançados” (ZANATTA, 2012: 107).

Guedes (1901/1992) defende a hipótese de que o espiritismo kardecista é uma ciência. O espiritismo, assim como outras ciências, tem uma finalidade (esclarecer sobre a vida “além-túmulo”, demonstrar a existência da alma/espírito, sua preexistência e sobrevivência à morte corpórea), objeto de estudo específico (os fenômenos considerados sobrenaturais, fenômenos extra-materiais, tidos como inobserváveis), métodos, processos e instrumentos próprios, capazes de tornar tais fenômenos observáveis e tangíveis (este instrumento é o médium), além de criar teorias, estabelecer princípios e leis. Assim, o espiritismo satisfaz e preenche todos os requisitos exigidos pelos foros científicos, podendo ser considerado, pois, uma ciência de observação, na qual também se recorre ao método experimental. Esta perspectiva científicista do espiritismo também é

abordada por Sausse (1896/1982), que considera que existe uma compreensão, nas obras de Kardec, de que o espiritismo, por ter sido formado a partir da observação, do raciocínio lógico-dedutivo e do teste de hipóteses, se estruturaria a partir dos pressupostos metodológicos de uma ciência.

Segundo Kardec (1868/2008), se a questão espiritual até sua época tinha ficado somente na teoria, foi por falta de meios para uma observação mais direta. O conceito-chave nesse caso seria a mediunidade. Considerado como um instrumento de observação por excelência, é sobre a consideração científica desse fenômeno que se basearia a possibilidade de obtenção de informações que fundamentam a doutrina espírita. Os estudos sobre a mediunidade se basearam então na observação de um grupo de pesquisadores ligados a Kardec, que durante cinco anos registraram os dados referentes a diversas reuniões de comunicações com espíritos observadas. A essas observações se somavam entrevistas estruturadas com diferentes médiuns sobre os mesmos fenômenos, para esclarecer dúvidas sobre suas hipóteses (SAUSSE, 1896/1982).

Desses primeiros estudos surgiu *O livro dos espíritos*, em abril de 1857. Como era de se esperar, o livro e sua doutrina foram ferozmente atacados em sua época, principalmente pelas afirmações sobre a cientificidade de suas conclusões. Ao ser questionado sobre a crença na existência dos espíritos e de sua comunicação com os vivos, Kardec alegava que sua crença se baseava sobre fatos e sobre raciocínios sistemáticos, remetendo também à impossibilidade de falseamento de sua teoria. O raciocínio de Kardec era criticado em função de a dedução da veracidade de suas hipóteses partir exclusivamente do fato da irrefutabilidade de suas conclusões, apesar dele alegar que sempre apresentava diversas observações dos fatos, e que a crítica se baseava em uma interpretação feita a priori de que esses fenômenos seriam manifestações patológicas ou mero charlatanismo (KARDEC, 1859/1995).

No entanto, Kardec não era o único a desenvolver pesquisas relacionadas ao fenômeno da mediunidade na Europa de sua época. Apesar da posição teórica que percebia a mediunidade a partir do prisma da psicopatologia (Alvarado e outros, 2007), esta também vinha sendo objeto de pesquisas de cunho experimental dentro de uma perspectiva da parapsicologia e da psicologia da religião, demonstrando a existência de outras tradições científicas, à época de Kardec, que se debruçavam, a partir de considerações não psicopatológicas, sobre o fenômeno da mediunidade (ALVARADO, 2013).

Zangari e Maraldi (2009) citam que no âmbito da psicologia científica nascente no século XIX, diferentemente da psiquiatria, existia uma curiosidade maior, embora não

menos conflitiva, dos fenômenos da mediunidade. Nesses estudos, o fenômeno da mediunidade era considerado não a partir de uma percepção *a priori* como psicopatológica, mas da tentativa de identificar os processos psíquicos associados aos fenômenos da mediunidade. Esses, posteriormente, migram para interpretações mais ligadas à psicologia social, onde a percepção psicopatológica perde ainda mais a sua força, passando inclusive a ser alvo de veementes críticas, em função do reducionismo e dos conteúdos ideológicos a ela associada.

No Brasil, com exceção de Leonel Franca e Eduardo Carlos Pereira, que escrevem dentro do contexto de uma disputa entre o catolicismo e outras vertentes cristãs (SOUZA, 2015), na primeira metade do século XX não há uma produção sistemática sobre psicologia e religião, o que vai ocorrer de maneira mais significativa somente a partir dos anos 1950 e 1960, já dentro de um contexto universitário e de criação dos primeiros cursos de psicologia (PAIVA et alii, 2009). A ausência desses estudos no Brasil nesse período deixou um vazio ainda maior a ser apropriado pela psiquiatria, que podia então se identificar como o único discurso científico e acadêmico sobre o tema, o que criou um campo ainda mais propício para o conflito entre psiquiatras e espíritas para alcançar sua legitimação, seu espaço sociocultural, científico e institucional dentro do país (ALMEIDA, 2007).

Essa necessidade de legitimação é um ponto chave, e deve ser compreendida dentro do processo de busca de expansão da influência da medicina como um todo no país (MACHADO et alii, 1978). Este processo de legitimação, por sua vez, está associado à busca de legitimidade do próprio modelo republicano de Estado, como um dos fundamentos da proposta de modernização do país, dentro de uma perspectiva sanitária de um lado, e da construção, por outro, de novos mecanismos de justificação das desigualdades e do controle das ações de reação contra essas desigualdades (MELLO et alii, 2010; PAULA, 2013).

A psiquiatria, que pretendia se mostrar como uma nova especialidade, habilitada a compreender as condições físicas e mentais da população, firmando-se como uma disciplina autônoma e de grande influência para o campo acadêmico e social, se choca então com outro saber, muito mais enraizado na cultura popular, que chegava ao mesmo tempo e também lutava para se expandir. O espiritismo kardecista é uma religião com grande expressividade e que, desde seu início, possui ligação com a área da saúde mental, seja através de formas alternativas de entender o tratamento da doença mental, do pro-

vimento de fenômenos psicológicos a serem estudados, ou ainda, através dos vários hospitais psiquiátricos espíritas construídos. Além disso, o fato de o espiritismo se anunciar como portador de fundamentação científica questionava não só o modelo de interpretação do sofrimento mental da psiquiatria, mas o próprio método científico que se estruturava como um elemento legitimador das estruturas de poder da nova república, indicando a possibilidade de crítica dentro do próprio modelo, identificado com o avanço civilizacional (ALMEIDA e MOREIRA-ALMEIDA, 2008; ALMEIDA, 2007; MELLO et alii, 2010; PAULA, 2013).

Em suma, espiritismo e psiquiatria desenvolviam hipóteses, propostas diagnósticas, tratamentos e meios de prevenção distintos para as mesmas questões relacionadas à mente humana e suas alterações. Ou seja, ambos pretendiam se mostrar como opção para tratar tais questões, almejando consolidar seus conhecimentos perante a sociedade e os padrões científicos exigidos na época (ALMEIDA, 2007).

As formas de institucionalização do trabalho espírita no Brasil.

Dado o panorama no qual o espiritismo se desenvolve no Brasil, consideramos então que o conflito com a psiquiatria vai moldar a forma como este vai se institucionalizar, principalmente na possibilidade de expressão de suas facetas como religião e como ciência. A hipótese é que em função desse conflito, a opção pela institucionalização como religião, em caráter formal, ocorreu como uma forma de escapar às acusações de charlatanismo e de exercício ilegal da medicina. Sua ação de cunho científico fica então mais a cargo dos hospitais psiquiátricos espíritas. No entanto, essas configurações, longe de serem naturais, demonstram os impactos do conflito com a psiquiatria.

Segundo Stoll (2002), a primeira característica que podemos perceber na institucionalização do espiritismo kardecista como religião no Brasil é a adesão ao *ethos* católico, principalmente no tocante à caridade, mas também a adesão a elementos simbólicos e imaginários, originários das religiões africanas e do culto aos santos oriundos das crenças populares, amplamente vigente na sociedade brasileira da época. Tal perspectiva viria marcar uma diferença significativa quanto a sua estruturação na França, país de origem, que manteve uma perspectiva mais experimentalista e científica.

Uma explicação para essa transformação, dada por Camargo (1963), seria a adaptação à realidade brasileira. No entanto, essa adaptação se refere, para o autor, ao fato de que a organização da mentalidade do brasileiro seria marcada por uma forte presença do pensamento religioso como forma de interpretação da realidade. Também

Bastide (1960/1985) reforça essa perspectiva, refinando-a a partir do conceito de classe social: as classes mais abastadas e com maior nível de instrução (ou seja, as classes sociais estruturadas aos moldes europeus) teriam aderido ao espiritismo mais a partir de sua feição científica, enquanto os mais pobres teriam tido uma adesão mais religiosa.

Essa percepção, a nosso ver, além de preconceituosa, também é marcada por uma ingenuidade metodológica na qual somente os aspectos identitários ou simbólicos forneceriam elementos de conformação de um processo institucional de tão grande magnitude como a religião espírita no Brasil. Ela deixa de lado todo o contexto histórico de estruturação do Estado brasileiro dentro de um contexto de modernidade, bem como a atribuição de poderes disciplinares a novos atores por parte do Estado, dentro os quais a competência médica, voltada para a garantia sanitária dos espaços públicos (GIUMBELLI, 1997b).

Além disso, segundo Montero (2006), em paralelo à estruturação dessas conformações disciplinares, o Estado moderno brasileiro também conduziu sua estruturação pautada na laicidade, o que construía um espaço no qual o tornar-se religião se configurava como uma das poucas possibilidades de ocupar espaços mais abertos de reconhecimento e de existência pública. Nesse caso, para além da questão da pretensão cientificista do espiritismo, também práticas de resistência e de afirmação cultural buscaram sua estruturação como religião para poderem se organizar em termos públicos.

Um exemplo disso é o fato de que algumas das práticas de resistência cultural afro-brasileiras também buscaram se estruturar como religiões, e como religiões espíritas, dado o processo mais avançado de legitimação que o espiritismo encontrava em nossa sociedade. Organizadas principalmente como espiritismo umbandista, como variação ao kardecista, ou como baixo espiritismo, todo um conjunto de ações que ultrapassavam a mera adesão religiosa buscou proteção, justificação e existência pública (GIUMBELLI, 2003).

Tal busca de garantia de existência pública por meio da institucionalização não é, no entanto, especificidade do contexto brasileiro. Um processo semelhante ocorreu mais recentemente, no Reino Unido e nos Estados Unidos, com a Cientologia. Embora seja animado por valores diferentes, o elemento de interesse nesse caso é que, da mesma forma que o espiritismo, a cientologia se propôs a ser uma disciplina científica sobre a alma, e tinha como um dos seus principais pontos o combate à loucura, o que a colocou em conflito aberto com a psiquiatria e com a indústria farmacêutica. Depois de diversos

problemas judiciais, procurou se estruturar como religião (não sem que essa opção fosse amplamente questionada), buscando assim o amparo do Estado para sua existência (WEST, 1990; BEITH-HALLAHMI, 2003; KENT e MANCA, 2014).

A opção pela estruturação religiosa se mostra, no entanto, fortemente arraigada no espiritismo brasileiro. Segundo Stoll (2002), mesmo em momentos onde existe uma tendência maior à experimentação científica, como no caso das propostas de Waldo Vieira, tais propostas acabam não encontrando o espaço necessário para seu desenvolvimento dentro do espiritismo brasileiro, tendo o médium preferido criar outra denominação, a projeziologia, para poder dar andamento a seus estudos (INSTITUTO INTERNACIONAL DE PROJECIOLOGIA E CONSCIENCILOGIA [IIPC], 2015).

Uma possível explicação para tal fato é que o viés científico do espiritismo no Brasil se dá por meio dos hospitais psiquiátricos. Mesmo outras obras assistenciais na área da saúde, que são múltiplas entre os espíritas, expressam poucos exemplos de formalização nos moldes dos hospitais psiquiátricos. Além disso, essas obras também ocorrem dentro de uma lógica de avanço do espiritismo frente ao saber e à estrutura de poder médico (ASSOCIAÇÃO MÉDICO-ESPÍRITA DO BRASIL [AME-BRASIL], 2015).

Também dentro dessa linha é interessante notar que, apesar de os espíritas serem hoje a denominação religiosa com a maior porcentagem de adeptos com nível superior (IBGE, 2010), existem pouquíssimos exemplos de faculdades religiosas espíritas (FALLEC, 2015; UENL, 2015; UNIBEM, 2015), nos moldes das faculdades religiosas associadas às outras denominações religiosas cristãs, que sempre se utilizaram dessa instituição para ações de disseminação de suas ideias (VASSELAI, 2001).

O espiritismo brasileiro buscou criar ligações com a psiquiatria, abordando diretamente o tema dos transtornos mentais. Contudo, não pregava o abandono aos tratamentos oferecidos pela medicina tradicional, nem a necessidade de formação em medicina para os profissionais que iriam trabalhar nos seus hospitais (embora o tratamento espiritual possa ser realizado por pessoas com diferentes formações ou níveis instrucionais), afirmando-se somente como uma nova ciência, apta a associar o tratamento espiritual, o psíquico e o biológico. Começou-se então, no início do século XX, a construção de hospitais destinados ao tratamento daqueles que sofriam de transtornos mentais, onde se adotava a associação das terapêuticas médica e espiritual no tratamento dos pacientes. O movimento espírita sistematizou uma abrangente rede de tratamentos comple-

mentares, numa proporção que não foi encontrada em nenhum outro país (ALMEIDA e MOREIRA-ALMEIDA, 2008).

Segundo Almeida (2007), um fato importante utilizado pelos espíritas para justificar a criação de tais hospitais era a necessidade que havia de fornecer abrigo, acolhimento e tratamento para os que sofriam de transtornos mentais, pois o país não dispunha de leitos públicos suficientes para atender essa população. Contudo, os espíritas usaram a existência dessas instituições nas discussões com a psiquiatria, argumentando que, além de não ser o espiritismo causa do desencadeamento da loucura, também possuía uma proposta diagnóstica e de tratamento complementar, que era colocada em prática em seus hospitais. Com isso, estes hospitais espíritas recebiam subsídios governamentais, o que aumentava consideravelmente o desconforto dos psiquiatras.

É interessante notar aqui que o processo de afirmação do espiritismo ocorre através dos hospitais psiquiátricos em função das lacunas deixadas pela própria psiquiatria, que também estava em um processo de estruturação, tanto de sua legitimidade quanto de sua presença institucional concreta junto à sociedade. A criação dos hospitais psiquiátricos passa então a ser utilizada, por meio dessa presença e disponibilidade concreta para a ajuda às pessoas que sofrem, como um fator legitimador do espiritismo.

No entanto, é importante analisar a real necessidade do hospital para a realização do tratamento espiritual. Segundo Puttini (2004), as atividades principais realizadas no tratamento espiritual dentro dos hospitais seriam o passe, a desobsessão e a disponibilização de água energizada (fluidoterapia). Então, podemos considerar que, para além da questão da necessidade de internação (em casos de o paciente representar riscos para si ou para outrem), ou do acesso ao paciente, boa parte do trabalho de tratamento espiritual realizado nos hospitais psiquiátricos poderia também ser realizada nos centros espíritas (LEWGOY, 2003; PIRES, 1980/2008) ou na própria residência dos pacientes.

A existência dos hospitais serviria muito mais para garantir uma legitimidade simbólica para a face científica do espiritismo. Segundo Araújo (2007), o domínio de dois códigos, tanto a doutrina espírita (e a mediunidade) quanto o conhecimento em medicina, criariam uma maior segurança para a afirmação da cientificidade e da legitimidade das práticas de cura espíritas. Nesse sentido, o hospital, enquanto representante institucional do poder médico (FOUCAULT, 1978), serviria como uma confirmação de que as práticas ali realizadas se encontrariam sob os cânones da medicina e da ciência.

O conflito entre psiquiatria e espiritismo começou a perder força no final da primeira metade do século XX. Este conflito parece ter encontrado uma saída no momento em que ambos, psiquiatria e espiritismo, garantem sua inserção e consolidação social, porém em áreas diferentes (ALMEIDA, 2007). A própria Associação Psiquiátrica Americana também vem tentando minimizar esse tipo de posicionamento, através da criação de um guia para incentivar os terapeutas a compreender e estabelecer um respeito empático para abordar as questões de religiosidade e/ou espiritualidade dos pacientes (PERES et alii, 2007). O mesmo vem ocorrendo em outras associações de profissionais americanos ligados à saúde mental, na incorporação da necessidade do cuidado espiritual como um dos elementos necessários aos cuidados de saúde de forma geral e em especial aos cuidados em saúde mental, havendo, além do respeito, também o incentivo de suas práticas e crenças religiosas (REINALDO e SANTOS, 2016).

Conclusão

A institucionalização do espiritismo brasileiro foi fortemente marcada por seu conflito com a psiquiatria. Sua opção por adotar uma institucionalização pública enquanto religião, para além de aspectos simbólicos e culturais do povo brasileiro, se deu em função do conflito com a psiquiatria dentro de um contexto histórico específico, que foi o da criação de novos instrumentos de controle da nova república, marcada tanto pela busca de uma legitimação das estratégias de controle em função de sua cientificidade quanto da defesa da laicidade do Estado.

A opção por uma institucionalização enquanto religião ocorre, então, em função do aproveitamento dos espaços de reconhecimento público possibilitado pela laicidade do Estado, e pela garantia de existência de suas ações como ações motivadas e justificadas pela crença religiosa, o que garantiria sua proteção frente às ameaças de charlatanismo e de exercício ilegal da medicina.

No entanto, além de sua face religiosa, a dimensão científica constitutiva do espiritismo encontra na criação de hospitais psiquiátricos (e de maneira mais geral na criação de hospitais) uma forma institucional que garanta a sua expressão. Porém, essa opção vai ocorrer a partir de uma estreita vinculação entre saber médico e saber científico espírita, havendo poucas experiências em outros campos de pensamento científico associados ao espiritismo que encontrem expressão institucionalizada.

Referências

- ALMEIDA, A. A. S. *Uma fábrica de loucos: psiquiatria x espiritismo no Brasil (1900-1950)*. 2001. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000404162>. Acesso em: 03 de jun. 2017.
- ALMEIDA, A. A. S. & MOREIRA-ALMEIDA, A. Espiritismo e medicina: a trajetória do Sanatório Espírita de Uberaba (1933-1988). *ANAIS DO 10º SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES*. Assis: UNESP. 2008. p. 1-12. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/almeida-angelica.pdf>. Acesso em: 05 de mar. 2016.
- ALMEIDA, A. A. S., ODA, A. M. G. R. & DALGALARRONDO, P. O olhar dos psiquiatras brasileiros sobre os fenômenos de transe e possessão. *Revista de Psiquiatria Clínica*, Vol. 34, nº 1, p. 34-41, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000700006. Acesso em: 03 de junho, 2016.
- ALMEIDA, A. M. *Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas*. 2004. Tese (Doutorado em Psiquiatria) - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-12042005-160501/pt-br.php>. Acesso em: 08 de mar. 2018.
- ALMEIDA, A. M. & CARDEÑA, E. Diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e psicóticas não patológicas e transtornos mentais: uma contribuição de estudos latino-americanos para o CID-11. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, vol. 33, nº 1, p. 21-28, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462011000500004. Acesso em: 03 de junho, 2017.
- ALMEIDA, A. M. & LOTUFO NETO, F. (2003). Visão espírita dos transtornos mentais. Anais do XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSIQUIATRIA. Goiânia: ABP. 2003. p. 1-22. Disponível em http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/M_autores/MOREIRA-ALMEIDA_Alexander_et_LOTUFO_NETO_Francisco_tit_Visao_Espirita_dos_Transtornos_Mentais.pdf. Acesso em 08 de mar. 2018.
- ALMEIDA, A. M. & LOTUFO NETO, F. A mediunidade vista por alguns pioneiros da área mental. *Revista de Psiquiatria clínica*, vol. 31, nº 3, p. 132-141, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v31n3/a03v31n3.pdf>. Acesso em: 10 de outubro, 2016.
- ALVARADO, C. S. Fenômenos Psíquicos e o problema mente-corpo: notas históricas sobre uma tradição conceitual negligenciada. *Revista de Psiquiatria. Clínica*, vol. 40, nº 4, p. 157-161, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-60832013000400006&script=sci_arttext. Acesso em: 10 de outubro, 2016.

ALVARADO, C. S., MACHADO, F. R., ZANGARI, W. & ZINGRONE, N. L. Perspectivas históricas da influência da mediunidade na construção de ideias psicológicas e psiquiátricas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, vol. 34, n° 1, p. 42-53, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34s1/a07v34s1.pdf>. Acesso em: 10 de novembro, 2016.

APA – AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: texto revisado (DSM-IV-TR). Trad: C. Dornelles. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ANDRADE, N. S. Espíritos e obsessão conforme a doutrina espírita codificada por Allan Kardec. In WULFHORST, I. (Org.). *Espiritualismo/espiritismo: desafios para a Igreja na América Latina*. São Leopoldo: Editora Sinodal. 2004.

ARAÚJO, E. S. *Médicos, médiuns e mediações: um estudo etnográfico sobre médicos-espíritas*. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR. Disponível em: http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/A_autores/Araujo_Eveline_tit_Medicos_mediuns_mediacoas_dissertacao.pdf. Acesso em: 21 de ago. 2017.

ASSOCIAÇÃO MÉDICO-ESPÍRITA DO BRASIL (AME-BRASIL). *Hospitais Espíritas*. Rio de Janeiro: AME-BRASIL. 2015. Disponível em: <http://www.amebrasil.org.br/2015/node/19>. Acesso em: 13 de ago. 2017.

BASTIDE, R. *As religiões africanas no Brasil*. Trad: M. E. Capellato e O. Krähenbühl. São Paulo: Pioneira. 1985.

BEITH HALLAHMI, B. (2003). Scientology: Religion or racket?. *Marburg Journal of Religion*, vol. 8, n° 1, p. 1-56, 2003. Disponível em: <http://archiv.ub.uni-marburg.de/ep/0004/article/view/3724/3539>. Acesso em: 12 de ago. 2017

CAMARGO, C. P. (Org.). *Católicos, espíritas e protestantes*. Petrópolis: Vozes. 1973.

CARTAXO, A. Espiritualidade, religiosidade e percepção de doença: implicações na adesão terapêutica. *Psicologia.pt*, vol. s.n. p. 1-9, 2010 Disponível em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0241.pdf>. Acesso em: 09 de mar. 2018

CHIBENI, S. S. *O Espiritismo em seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso*. Campinas: Grupo de Estudo Espírita da Unicamp (GEEU). 2003. Disponível em: <http://www.geeu.net.br/artigos/tripliceaspecto.pdf>. Acesso em 28: de dez. 2017.

DALGALARRONDO, P. Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. *Revista de Psiquiatria Clínica*, vol. 34, n° 1, p. 25-33, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34s1/a05v34s1.pdf>. Acesso em: 12 de ago. 2017

DALGALARRONDO, P. *Religião, psicopatologia e saúde mental*. Porto Alegre: Artmed. 2008.

- DEWES, J.O. *Amostragem em bola de neve e respondente-driven sampling: uma descrição de métodos*. 2013. Monografia (Graduação em Estatística) - Instituto de Matemática, UFRGS, Porto Alegre, RS. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/93246>. Acesso em: 12 de fev. 2018.
- FACULDADE DOUTOR LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA (FALEC) (2015). *Curso de Graduação em Teologia Espírita*. Curitiba: 2015. Disponível em: <http://www.falec.br/teologia.php>. Acesso em: 13 de ago. 2015.
- FACULDADES INTEGRADAS ESPÍRITAS (UNIBEM). *Nossa História*. Curitiba: UNIBEM. 2015. Disponível em: <http://www.faculdadeespirita.com.br/institucional/>. Acesso em: 13 de ago. 2017.
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA (FEB) *Portal FEB*. Brasília: FEB. 2015. Acesso em: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/o-espiritismo/allan-kardec/>. Acesso em 13 de ago. 2015.
- FOUCAULT, M. (1978). Incorporación del hospital em la tecnología moderna. *Educación Medica y Salud*, vol. 12, n° 1, p. 20-35, 1978. Disponível em: <http://hist.library.paho.org/Spanish/EMS/4931.pdf>. Acesso em: 21 de ago. 2017.
- FURLANETO, M. M. Formações neológicas no português brasileiro: uma perspectiva discursiva. *Fórum Linguístico*, vol. 5, n° 2, p. 1-22, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2008v5n2p1/11028>. Acesso em: 06 de ago. 2017.
- GIOVELLI, G., LURING, G., GAUER, G. J. C., CALVETTI, P. Ü., GASTAL, R., TREVISAN, C. & SILVA, L. Espiritualidade e religiosidade: uma questão bioética? *Revista da Sociedade Riograndense de Bioética*, vol. 5, n° 1, p. s.p., 2008. Disponível em: <http://www.sorbi.org.br/images/arquivo-revista/Volume1-Numero5-Jul-2008/espiritualidade.pdf>. Acesso em: 04 de out. 2017.
- GIUMBELLI, E. Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. *Revista de Antropologia*, vol. 40, n° 2, p. 31-82, 1997a. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v40n2/3231.pdf>. Acesso em: 04 de out. 2017.
- GIUMBELLI, E. *O Cuidado dos Mortos: Uma História da Condenação e Legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 1997b.
- GIUMBELLI, E. O "baixo espiritismo" e a história dos cultos mediúnicos. *Horizonte Antropológico*, vol. 9, n° 1, p. 247-281, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010471832003000100011%20&script=sci_arttext. Acesso em: 12 de ago. 2017
- GUEDES, A. P. *Ciência Espírita* (8ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Centro Redentor. 1992 (Original publicado em 1901).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Brasília: IBGE. 2010. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/pt/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=794>. Acesso em 28 de mai. 2017.

INSTITUTO INTERNACIONAL DE PROJECIOLOGIA E CONSCIENCILOGIA (IIPC). *Conscienciologia e Projeciologia*. Foz do Iguaçu: IIPC. 2015. Acesso em: <http://www.iipc.org/as-ciencias/>. Acesso em: 13 de ago. 2015.

JABERT, A. *De médicos e médiuns: medicina, espiritismo e loucura no Brasil na primeira metade do século XX*. 2008. Tese (Doutorado em História da Ciência e da Saúde) - Casa Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/19768>. Acesso em: 08 de mar. 2018.

JABERT, A. Estratégias populares de identificação e tratamento da loucura na primeira metade do século XX: uma análise dos prontuários médicos do Sanatório Espírita de Uberaba. *História, Ciências, Saúde*, vol. 18 n° 1, p. 105-120, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v18n1/07.pdf>. Acesso em: 13 de ago. 2017

JABERT, A. & FACCHINETTI, C. A experiência da loucura segundo o espiritismo: uma análise dos prontuários médicos do Sanatório Espírita de Uberaba. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol. 14, n° 3, p. 513-529, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v14n3/08.pdf>. Acesso em: 13 de ago. 2017

JAMES, W. *As variedades da experiência religiosa*. (1ª ed). Trad: O. M. Cajadado. São Paulo: Editora Cultrix. 1991 (Original publicado em 1902).

KARDEC, A. *O evangelho segundo o espiritismo* (104ª ed.). Trad: S. Gentile. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 1994 (Original publicado em 1864).

KARDEC, A. *O Que é o Espiritismo?* (76ª ed.) Trad: G. Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 1995 (Original publicado em 1859).

KARDEC, A. *O livro dos médiuns* (80ª ed.). Trad: J. H. Pires. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 2007 (Original publicado em 1861).

KARDEC, A. *A gênese: os milagres e as predições segundo o espiritismo* (53ª ed.). Trad: G. Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 2008 (Original publicado em 1868).

KARDEC, A. (2009). *O livro dos espíritos* (14ª Edição). Trad: G. Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 2009 (Original publicado em 1857).

KENT, S. A. & MANCA, T. A. (2014). A war over mental health professionalism: Scientology versus psychiatry. *Mental Health, Religion & Culture*, vol. 17, n° 1, p. 1-23, 2014. Disponível em:

<http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/13674676.2012.737552>. Acesso em: 12 de ago. 2017.

- KOENING, H. G. Religião, espiritualidade e transtornos psicóticos. (Alexandre Augusto Macêdo Corrêa, Trad.) *Revista de Psiquiatria Clínica*, vol. 34, n° 1, p. 95-104, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34s1/a13v34s1.pdf>. Acesso em: 12 de ago. 2017
- LEWGOY, B. (2003). O mal à moda espírita: As estruturas narrativas da desobsessão. *Debates do NR*, vol. 4, n° 2, p. 91-108, 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/2723/29183>. Acesso em: 21 de ago. 2017
- LIMA, A. de A. *Psiquiatria e espiritismo no atendimento à doença mental: a história do Hospital Espírita de Psiquiatria Bom Retiro (Curitiba, 1930-1950)*. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/psicologiamestrado/files/2012/05/Andrea-de-Alvarenga-Lima-Trabalho-de-Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 03 de jun. 2016.
- LIMA, T. C. S. & MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*, vol. 10, n° (esp), p. 37-45, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004. Acesso em: 12 de fev. 2018.
- MACHADO, R; LOUREIRO, A.; LUZ, M. & MURICY, K. *Da(n)ação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1978.
- MELLO, A. O., CESAR, E., BELTRAME, M. V. & HERBELE, R. O discurso sanitário como discurso político e ideológico na república velha. *Revista Historiador*, vol. 3, n° (3), p. 92-106, 2010. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador/tres/alexm.pdf>. Acesso em: 07 de ago. 2017.
- MENDONÇA JUNIOR, A. O espiritismo e algumas religiões mediúnicas: candomblé e umbanda. In ANAIS DO 10º ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA - TESTEMUNHOS: HISTÓRIA E POLÍTICA. Recife: UFPE, 2010. p. 1-24. Disponível em: http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/M_autores/MENDONCA_JUNIOR_Adolfo_tit_Espiritismo_e_algumas_religioes_mediunicas_Candomble_e_Umbanda.pdf. Acesso em: 03 de jun. 2017.
- MENEZES, B. (sob pseudônimo Max). *A Loucura sobre novo prisma: Estudo Psíquico e Fisiológico*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 2012 (Original publicado em 1920).

- MENEZES JUNIOR, A. & ALMEIDA, A. M. O diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e transtornos mentais de conteúdo religioso. *Revista de psiquiatria clínica*, vol. 36, n° 2, p. 75-82, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v36n2/06.pdf>. Acesso em: 07 de ago. 2017
- MIRANDA, H. C. *Diálogo com as sombras: teoria e prática da doutrinação*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. 1976.
- MONTERO, P. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. *Novos Estudos - CEBRAP*, vol. 74, p. 47-65, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n74/29639.pdf>. Acesso em: 12 de ago. 2017
- NÚCLEO ESPÍRITA NOSSO LAR (NENL) (2015) *Universidade Espírita Nosso Lar (UENL)*. São José: MENL. 2015. Disponível em: http://www.nenossolar.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=165&Itemid=29. Acesso em: 13 de ago. 2015.
- PAIVA, G.J., et al. Psicologia da Religião no Brasil: A Produção em Periódicos e Livros. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, vol. 5, n° 3, p. 441-446, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n3/a19v25n3.pdf>. Acesso em: 28 de mai. 2017.
- PAULA, R. N. O pensamento psiquiátrico na primeira república: formulações psiquiátricas sobre a criação de uma identidade nacional. *Revista Cantareira*, vol. 3, p. 1-19, 2013. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2013/05/e06a06.pdf>. Acesso em: 07 de ago. 2017
- PERES, J. F. P., Simão, M. J. P. & Nasello, A. G. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. *Revista de Psiquiatria Clínica*, vol. 34, n° 1, p. 136-145, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34s1/a17v34s1.pdf>. : Acesso em: 07 de ago. 2017.
- PIRES, J. H. *O Centro Espírita*. São Paulo: Editora Paideia. 2008 (Original Publicado em 1980).
- PIRES, S. D. O exorcismo de Emily Rose: um debate sobre as visões místico-religiosa e científica sobre o mesmo fenômeno. Em SANTEIRO, T. V. & BARBOSA, D. R. (Orgs.). *A vida não é filme? Reflexões sobre psicologia e cinema*. Uberlândia: Edufu, 2013. (pp. 67-84).
- PIZZANI, L.; Silva, R.C.; Bello, S.F. & Hayashi, M.C.P.I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca de conhecimento. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, vol. 10, n° 1, p. 53-66, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 12 de fev. 2018.
- PRANDI, R. As religiões negras do Brasil: para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros. *Revista USP*, vol. 28, p. 64-83, 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28365/30223>. Acesso em: 07 de ago. 2017.

- PRANDI, R. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos avançados*, vol. 18, n° 52, p. 223-238, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a15v1852.pdf>. Acesso em: 07 de ago. 2017.
- PUTTINI, R. F. *Medicina e Religião no Espaço Hospitalar*. 2004 Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000353669>. Acesso em: 21 de ago. 2017.
- REINALDO, A. M. S. & SANTOS, R. L. F. Religião e transtornos mentais na perspectiva de profissionais de saúde, pacientes psiquiátricos e seus familiares. *Saúde em Debate*, vol. 40, n° 110, p. 162-171, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v40n110/0103-1104-sdeb-40-110-0162.pdf>. Acesso em: 28 de mai. 2017.
- RIBEIRO JUNIOR, J. *O que é Positivismo*. São Paulo: Editora Brasiliense. 1984.
- SAUSSE, H. Biografia de Allan Kardec. Em P. Mercera (Org.). *O livro de Allan Kardec* (3ª ed.). São Paulo: Opus Editora LTDA. 1982 (Original Publicado em 1896).
- SCOTON, R. M. S. Ideias psiquiátricas sobre as religiões mediúnicas em Juiz de Fora. *Mneme: Revista de Humanidades*, vol. 07 n° 17, p. 98-134, 2005. Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/310>. Acesso em: 03 de jun. 2016.
- SOUZA, E. S. Psicologia e Religião, intelectuais cristãos escrevem sobre fé e ciência. *Relegens Thréskeia Estudos e Pesquisas em Religião*, vol. 4, n° 2, p. 71-83, 2015. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/42262>. Recuperado em 28 de maio de 2017, de
- STOLL, S. J. Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil. *Revista de Antropologia*, vol. 45, n° 2, p. 361-402, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v45n2/a03v45n2.pdf>. Acesso em: 13 de ago. 2017.
- VASSELAI, C. *As universidades confessionais no ensino superior brasileiro: identidades, contradições e desafios*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000218738>. Acesso em: 13 de ago. 2017.
- VINUTO, J. Amostragem bola de neve na pesquisa qualitativa: Um debate em aberto. *Temáticas*, vol. 22, n° 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144>. Acesso em: 12 de fev. 2018.
- VOLPATO, E. S. N. Pesquisa bibliográfica em ciências biomédicas. *Jornal de Pneumologia*, vol. 26, n° 2, p. 77-80, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-35862000000200006. Acesso em: 12 de fev. 2018.

WEST, L. J. Psychiatry and Scientology. *South California Psychiatrist*, vol. s.n., p. 13-16, 1990. Disponível em: <http://www.xenu-directory.net/news/images/thecompiler-1990-22.pdf>. Acesso em: 12 de ago. 2017.

ZANATTA, B. A. (2012). O legado de Pestalozzi, Herbart e Dewey para as práticas pedagógicas escolares. *Revista Teoria e Prática da Educação*, vol. 15, nº 1, p. 105-112, 2012. Disponível em: <http://eduemojs.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/18569>. Acesso em: 26 de fev. 2017.

ZANGARI, W. & MARALDI, E. O. (2009). Psicologia da mediunidade: do intrapsíquico ao psicossocial. *Academia Paulista de Psicologia*, vol. 29, nº 2, p. 233-252, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v29n2/v29n2a03.pdf>. Acesso em: 10 de nov. 2017.

Sanyo Drummond Pires
Universidade Federal da Grande Dourados.
E-mail: sanyodrummond@yahoo.com.br

Paula Groppo
Centro de Tratamento Especializado Renascer
E-mail: paula.groppo@yahoo.com.br